Sugestão de atividades

Carlos Drummond de Andrade

1) Entre 1940 e 1945, o poeta Carlos Drummond de Andrade publicou três livros de forte cunho político e social: *Sentimentos do Mundo*, *José* e *A Rosa do Povo*. Nessas obras, Drummond avançou das preocupações individuais presentes em seus livros anteriores para apresentar um novo sujeito lírico, com os olhos voltados para as questões de seu próprio tempo. Essa passagem do eu para o nós foi condicionada pelo sentimento de medo que unificava o mundo naqueles anos, em que a Segunda Guerra estourava na Europa e muitos brasileiros conheciam a face ditatorial de Getúlio Vargas ao longo do Estado Novo (1937-1945). Nesse desdobrar do poeta sobre o mundo, o sujeito do texto busca cumplicidade com o leitor, inserindo-se nas disputas políticas de seu tempo.

Abaixo, selecionamos dois poemas de Drummond publicados em um espaço de dez anos, elucidando dois momentos distintos de sua produção. O primeiro se chama *Poema das Sete Faces* e abre seu livro de estréia, *Alguma Poesia*, de 1930. O segundo, *Mundo Grande* e faz parte do livro *Sentimento do Mundo*, publicado em 1940.

Poema das sete faces
Carlos Drummond de Andrade

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

Mundo Grande
Carlos Drummond de Andrade

Não, meu coração não é maior que o mundo.
É muito menor.
Nele não cabem nem as minhas dores.
Por isso gosto tanto de me contar.
Por isso me dispo,
Por isso me grito,
por isso freqüento os jornais, me exponho cruamente nas livrarias:
preciso de todos.

Sim, meu coração é muito pequeno.
Só agora vejo que nele não cabem os homens.
Os homens estão cá fora, estão na rua.
A rua é enorme. Maior, muito maior do que eu esperava.
Mas também a rua não cabe todos os homens.
A rua é menor que o mundo.
O mundo é grande.

Tu sabes como é grande o mundo.
Conheces os navios que levam petróleo e livros, carne e algodão.
Viste as diferentes cores dos homens,
as diferentes dores dos homens,
sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso
num só peito de homem... sem que elo estale.

Fecha os olhos e esquece.
Escuta a água nos vidros,
tão calma. Não anuncia nada.
Entretanto escorre nas mãos,
tão calma! vai inundando tudo...

Renascerão as cidades submersas?
Os homens submersos — voltarão?
Meu coração não sabe.
Estúpido, ridículo e frágil é meu coração,
Só agora descubro
como é triste ignorar certas coisas.
(Na solidão de indivíduo
desaprendi a linguagem
com que homens se comunicam.)

Outrora escutei os anjos,
as sonatas, os poemas, as confissões patéticas.
Nunca escutei voz de gente.
Em verdade sou muito pobre.

Outrora viajei
países imaginários, fáceis de habitar.
ilhas sem problemas, não obstante exaustivas e convocando ao suicídio
Meus amigos foram às ilhas.
Ilhas perdem o homem.

Entretanto alguns se salvaram e
trouxeram a notícia
de que o mundo, o grande mundo está crescendo todos os dias,
entre o fogo e o amor.

Então, meu coração também pode crescer.
Entre o amor e o fogo,
entre a vida e o fogo,
meu coração cresce dez metros e explode.
— Ó vida futura! nós te criaremos.

a. Organize a turma em círculo e proponha uma leitura comparada desses dois poemas. Conduzindo o debate, procure identificar com os alunos como se estabelece a relação entre o sujeito lírico (que significa "a voz do poeta") e o mundo, em cada um deles.

b. Para o crítico Antonio Candido, Carlos Drummond de Andrade é o maior poeta social de nossa literatura. Em seus versos, o desejo de transformar o mundo está intimamente associado à esperança de promover a modificação de si mesmo. Tendo o poema *Mundo Grande* como referência, peça aos alunos para identificarem em quais momentos Drummond evidencia a necessidade do sujeito lírico estar atento às questões de seu tempo.

c. Com base nessas reflexões, organize a turma em pequenos grupos e peça para que os alunos façam uma paródia sobre as principais questões e angústias vividas nos dias de hoje, tendo por base um dos dois poemas de Drummond - lembrando que paródia é uma obra (seja ela musical, literária ou teatral) que imita outra obra, com objetivos jocosos ou satíricos.

d. Por fim, peça à cada grupo para apresentar seu trabalho – e, se possível, para outras turmas da escola.

2) A multiplicidade de temas e estilos é um dos aspectos mais surpreendentes na obra do poeta Carlos Drummond de Andrade. Mas, em quase todos os seus livros, Drummond evoca Itabira, sua terra natal. O núcleo de poemas dedicados à cidade nos permite traçar um arco que vai desde as lembranças da Itabira de sua infância até a Itabira de sua velhice, já despojada de seus símbolos mais evocativos, como o pico do Cauê e a antiga Matriz do Rosário. Esse processo que acompanhamos em seus versos também é histórico: com o avanço da modernização econômica do país aliada a entrada do Brasil na Segunda Guerra, Itabira foi um dos principais alvos das investidas da Companhia Vale do Rio Doce, criada por Getúlio Vargas em 1942. A paisagem urbana da cidade mudou, suas montanhas foram abaixo pelo surto de mineração, antigas construções foram demolidas, grandes áreas verdes se tornaram loteamento para os dejetos minerais. Abaixo, trechos selecionados de poemas sobre a cidade de Itabira:

Lanterna Mágica
Carlos Drummond de Andrade

Cada um de nós tem seu pedaço no pico do Cauê.
Na cidade toda de ferro
as ferraduras batem como sinos.
Os meninos seguem para a escola.
Os homens olham para o chão.
Os ingleses compram a mina.

Só, na porta da venda, Tutu Caramujo cisma na derrota incomparável.

Confidência do Itabirano
Carlos Drummond de Andrade

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação [...]

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

A montanha pulverizada
Carlos Drummond de Andrade

Chego à sacada e vejo a minha serra,
a serra de meu pai e meu avô,
de todos os Andrades que passaram
e passarão, a serra que não passa [...]

Esta manhã acordo e
não a encontro.
Britada em bilhões de lascas,
deslizando em correia transportadora
entupindo 150 vagões,
no trem-monstro de 5 locomotivas
– trem maior do mundo, tomem nota –
foge minha serra vai,
deixando no meu corpo a paisagem
mísero pó de ferro, e este não passa.

a. Os três poemas foram publicados em um espaço de mais de 40 anos. Ao longo desses anos, Carlos Drummond sugere que a paisagem urbana de Itabira passou por inúmeras transformações. Proponha aos alunos uma leitura coletiva dos poemas, com o objetivo de identificar como a cidade de Itabira é evocada pelo poeta, nas diferentes fases de sua obra.

b. A casa em que o poeta nasceu ficava de frente para o Pico do Cauê, um imenso acidente geográfico de minério de ferro, primeira visão de mundo gravada no inconsciente do poeta – como afirmou na crônica *Vila da Utopia*. A partir de 1942, ele foi sendo aos poucos corroído pelas máquinas da Cia Vale do Rio Doce, que deixaram uma imensa cratera em seu lugar. Leia o trecho a seguir:

> **Todos cantam sua terra, mas eu não quis cantar a minha. Preferi dizer palavras que não são de louvor, mas que traem a silenciosa estima do indivíduo, no fundo, eternamente municipal e infenso à grande comunhão urbana. Ainda assim fui itabirano, gente que quase não fala bem de sua terra, embora proíba expressamente aos outros de falarem mal dela. Maneira indireta e disfarçada de querer bem, legítima como todas as maneiras. E afinal, eu nunca poderia dizer ao certo se culpo ou se agradeço a Itabira pela tristeza que destilou no meu ser, tristeza minha, tristeza que não copiei, não furtei...**
>
> ***Carlos Drummond de Andrade. Vila da Utopia.***

c. A partir da leitura desse trecho e dos poemas anteriores, peça aos alunos para escreverem, em verso ou prosa, um texto evocativo sobre os lugares, espaços e paisagens de sua cidade natal que marcaram sua memória. Seja uma rua, uma casa, uma praça, um sítio, ou algum outro lugar que hoje já não existe – ou existe carregando consigo novos significados.

d. Proponha aos alunos que façam uma exposição de imagens sobre a história da cidade em que mora. Sugerimos que organize a turma em grupos e peça para cada um deles se dedicarem a um dos principais símbolos da cidade alguma praça, avenida, igreja, parque. Sugerimos que cada grupo trabalhe com um número máximo de dez fotografias.

e. Após a exposição, organize um debate com a turma sobre a realização da pesquisa. Discuta como podemos pensar a relação afetiva que estabelecemos com a cidade e como os espaços urbanos são ressignificados com o passar dos anos.

3) Paralelamente ao tempo cronológico, o homem inaugurou em si mesmo um tempo capaz de lhe dar uma miragem de eternidade: um tempo subjetivo, pessoal, sobre o qual ele pode exercer seu domínio. Estamos falando do tempo da memória. Segundo o especialista Hans Meyerhoff, em sua obra chamada *O tempo da literatura* (1976):

> **Memória é um instrumento de registro muito mais complicado e confuso do que a natureza, os instrumentos feitos pelo homem ou os registros históricos. [...] As coisas lembradas são fundidas e confundidas com as coisas temidas e com aquelas que se tem esperança que aconteçam. Desejos e fantasias podem não só ser lembrados como fatos, como também os fatos lembrados são constantemente modificados, reinterpretados e revividos à luz das exigências presentes, temores passados e esperanças futuras.**

Drummond foi o nono filho de uma tradicional família mineira. O legado familiar e o peso das relações patriarcais que marcaram sua infância jamais deixaram sua poesia, que é atravessada por uma incessante busca identitária. Dentro do tema familiar, vale destacar a obsessão do poeta pelo pai, com quem teve uma relação áspera. A figura paterna em sua poesia é altiva, fria e imponente, marcando presença em quase todos os poemas cujo tema é a família. Seguem abaixo, alguns trechos selecionados:

Viagem na família
Carlos Drummond de Andrade

No deserto de Itabira
a sombra de meu pai
tomou-me pela mão.
Tanto tempo perdido.
Porém nada dizia.
Não era dia nem noite.
Suspiro? Voo de pássaro?
Porém nada dizia.

Longamente caminhamos.
Aqui havia uma casa.
A montanha era maior.
Tantos mortos amontoados,
o tempo roendo os mortos.
E nas casas em ruína,
desprezo frio, umidade.
Porém nada dizia. [...]
No deserto de Itabira
as coisas voltam a existir,
irrespiráveis e súbitas.

Olhei-o nos olhos brancos.
Gritei-lhe: Fala! Minha voz
vibrou no ar um momento,
bateu nas pedras. A sombra
prosseguia devagar
aquela viagem patética
através do reino perdido.
Porém nada dizia.

Vi mágoa, incompreensão
e mais de uma velha revolta
a dividir-nos no escuro.
A mão que eu não quis beijar,
o prato que me negaram,
recusa em pedir perdão.
Orgulho. Terror noturno.
Porém nada dizia.

Fala fala fala fala.
Puxava pelo casaco
que se desfazia em barro.
Pelas mãos, pelas botinas
prendia a sombra severa
e a sombra se desprendia
sem fuga nem reação.
Porém ficava calada.

E eram distintos silêncios
que se entranhavam no seu.
Era meu avô já surdo
querendo escutar as aves
pintadas no céu da igreja;
a minha falta de amigos;
a sua falta de beijos;
eram nossas difíceis vidas
e uma grande separação
na pequena área do quarto.

A pequena área da vida
me aperta contra o seu vulto,
e nesse abraço diáfano
é como se eu me queimasse
todo, de pungente amor.
Só hoje nos conhecermos!
Óculos, memórias, retratos
fluem no rio do sangue.
As águas já não permitem
distinguir seu rosto longe,
para lá de setenta anos...
Senti que me perdoava
porém nada dizia.

As águas cobrem o bigode,
a família, Itabira, tudo.

a. Em busca de reconciliação com o pai – que é inquirido a uma espécie de acerto de contas –, Drummond refaz no espaço do poema as antigas cenas familiares, além de imaginar outras que nunca vieram a acontecer. Proponha, aos alunos, uma leitura coletiva do poema *Viagem da Família* e da citação de Hans Meyerhoff, refletindo sobre como o poeta mineiro explorou o tempo subjetivo da memória para se reconciliar com o passado familiar.

b. Com bases nas reflexões da atividade anterior, proponha aos alunos um trabalho de história oral. Para isso, sugerimos as seguintes instruções. Construa, coletivamente com os alunos, um roteiro de perguntas a respeito do tema "Uma viagem pela família". Em seguida, peça aos alunos para recolherem depoimentos dos familiares (de preferência dos mais velhos) a respeito das suas memórias afetivas (infância, relação com os pais, com os irmãos, os avós, reuniões de família...). Esses depoimentos podem ser gravados em vídeo, áudio ou podem ser escritos, conforme a opção da cada aluno. Sugerimos que recolham o depoimento de pelo menos dois membros da família.

c. Com base nos depoimentos, peça aos alunos para montarem um memorial de sua família, organizando esses depoimentos em uma apresentação visual (seja em dispositivo digital ou em cartaz), intercalada com fotografias, documentos, desenhos, objetos e outros registros históricos.

4) Ao longo dos anos 1920, Carlos Drummond de Andrade era visto caminhando cotidianamente pelas ruas espaçosas da capital mineira. Naqueles anos, a cidade tinha pouco mais de 50 mil habitantes e o poeta ficou conhecido por inaugurar uma tradição: escalar os arcos do viaduto Santa Teresa. Para se divertir, espantar o tédio ou chocar a burguesia, Drummond os subia depois de tomar um copo de leite. As gerações seguintes, sobretudo aquela dos escritores da década de 1940 procuravam imitá-lo nos versos e nas proezas, mas sempre precisaram da coragem contida em algumas doses de conhaque, uísque ou cachaça.

Pelos fins da década de 1930 e início dos anos 1940, quando residia no Rio de Janeiro e adquirira melhor juízo, Carlos Drummond já era um escritor de expressão nacional. O "poeta caminhante", que andava sempre com os braços colados no corpo, costumava ser seguido e interpelado pelos admiradores – como foi o caso de um jovem ainda desconhecido que se chamava João Gilberto e queria, a todo custo, um autógrafo de seu mestre. Foi ao longo dessas caminhadas que Drummond descobriu uma possibilidade de estreitar os laços com seus leitores. Tornou-se um poeta com olhos de cronista e cronista com olhos de poeta, também dedicado ao simples rés-do-chão: com essa percepção de realidade, passa a falar das pernas no bonde, da cachaça, do cabaré, das pedras do caminho, dos queixumes amorosos e dos graves problemas urbanos que afetavam as pessoas mais simples. Foi o que o poeta fez na crônica *Debaixo da ponte*, publicada por Drummond no livro *A bolsa & A vida* (1962) e também no poema *Coração numeroso* (1930):

> **Moravam debaixo da ponte. Oficialmente, não é o lugar onde se more, porém eles lá moravam. Ninguém lhes cobrava aluguel, imposto predial, taxa de condomínio: a ponte é de todos, na parte de cima; de ninguém na parte de baixo. Não pagavam conta de luz e gás, porque luz e gás não consumiam. [...] A tarde surgia precisamente um amigo que morava nem ele mesmo sabia onde, mas certamente morava: nem só a ponte é lugar de moradia para quem**

não dispõe de outro rancho. [...] O que morava não se sabe onde vinha visitar os de debaixo da ponte e trazer-lhes uma grande posta de carne. Nem todos os dias se pega uma posta de carne. [...] Debaixo da ponte os três prepararam comida. Debaixo da ponte a comeram. Não sendo operação diária, cada um saboreava duas vezes: a carne e a sensação de raridade da carne. E ririam aproveitar o resto do dia dormindo, quando começaram a sentir dores. Dores que foram aumentando, mas podiam ser atribuídas ao espanto de alguma parte do organismo de cada um, vendo-se alimentado sem que houvesse chagado notícia prévia do alimento. Dois morreram logo, o terceiro agoniza no hospital. Dizem uns que morreram da carne, dizem outros que do sal, pois era soda cáustica. Há duas vagas debaixo da ponte.

Carlos Drummond de Andrade. Debaixo da ponte.

Coração Numeroso
Carlos Drummond de Andrade

Foi no Rio.
Eu passava na Avenida quase meia-noite.
Bicos de seio batiam nos bicos de luz estrelas inumeráveis.
Havia a promessa do mar
e bondes tilintavam,
abafando o calor
que soprava no vento
e o vento vinha de Minas.

Meus paralíticos sonhos desgosto de viver
(a vida para mim é vontade de morrer)
faziam de mim homem-realejo imperturbavelmente
na Galeria Cruzeiro quente quente
e como não conhecia ninguém a não ser o doce vento mineiro,
nenhuma vontade de beber, eu disse: Acabemos com isso.

Mas tremia na cidade uma fascinação casas compridas
autos abertos correndo caminho do mar
voluptuosidade errante do calor
mil presentes da vida aos homens indiferentes,
que meu coração bateu forte, meus olhos inúteis choraram.

O mar batia em meu peito, já não batia no cais.
A rua acabou, quede as árvores? a cidade sou eu
a cidade sou eu
sou eu a cidade
meu amor.

a. Muitos autores destacaram que existe um trânsito intenso entre a escrita jornalística das crônicas e a lírica dos poemas de Drummond. Antonio Candido, por exemplo, destaca que "por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela [a crônica] se ajusta à sensibilidade de todo o dia". Após a leitura dos textos selecionados, peça aos alunos que façam uma pesquisa sobre as diferenças e proximidades entre os dois estilos literários predominantes na obra de Drummond: a crônica e a poesia.

b. Peça aos alunos para escreverem uma crônica ou um poema, de no máximo duas laudas, com reflexões sobre problemas urbanos enfrentados pelos moradores do bairro onde moram. A atividade livre pode discorrer sobre assuntos como a precariedade do transporte público, limpeza urbana, segurança, saneamento básico, deteriorização das vias públicas, entre outros.

c. Na canção popular brasileira, também temos exemplos de compositores com afiado "olhar de cronista". É o caso, por exemplo, de Chico Buarque, que dedicou muitas de suas canções a temas ligados ao cotidiano. Esse é um dos traços mais característicos de um de seus discos de maior sucesso, *Construção*, lançado em 1971. Organize os alunos em grupos pequenos e peça para realizarem uma pesquisa sobre cantores e compositores contemporâneos que compartilham com Carlos Drummond e Chico Buarque esse "olhar de cronista" sobre nosso tempo.

d. Após a realização das atividades conduza um debate em torno da seguinte questão: qual deve ser o papel da poesia, da canção e das artes de modo geral nas questões políticas e sociais vividas no tempo presente?